

O DEVIR TERRITÓRIOS-ESCOLAS-CIDADES E CURRÍCULOS E GÊNERO: DESTERRITORIALIZANDO CONCEITOS NA TESSITURA DE UMA NOVA TERRA POSSÍVEL

Marina de Oliveira Delmondes¹

Resumo: Políticas curriculares nacionais têm invisibilizado a temática de gênero e sexualidade. Problematiza-se, então: o que pode um corpo quando o assunto é gênero e sexualidade? O que pode um corpo nos territórios-escolas-cidades e currículos? *Imediações* vividas na composição de um manguezal no Lume Teatro/Campinas-SP, decorrentes do VII Seminário Conexões, compondo com Deleuze (1997, 1998, 2010), Amorim (2013) e outros intercessores em um tempo de catástrofes ambientais e curriculares, apontam que um corpo *soloafetado*² desterritorializa e reterritorializa conceitos emergindo um devir-corpo ou devir-*corpomangue* na tessitura de uma Nova Terra possível.

Palavras-chave: Currículo; corpo; Nova Terra.

Abstract: National curriculum policies have made gender and sexuality invisible. Then, is problematized: what can a body when it comes to gender and sexuality? What can a body in the territories-schools-cities and curriculum? *Immediately* encountered in the composition of a mangrove at the Lume Theater/Campinas-SP, resulting from the “VII Seminário Conexões”, composing with Deleuze (1997, 1998, 2010), Amorim (2013) and other intercessors, at a time of environmental and curricular catastrophes, it is pointed out that a body “*soloafetado*” deterritorializes and reterritorializes concepts emerging a becoming-body or “*becoming-corpomangue*” in the texture of a possible New Earth.

Keywords: Curriculum; body; New Earth.

Provocações aberrantes: lamas iniciais

O cenário atual das políticas curriculares nacionais configura-se na produção de invisibilidade da temática gênero e sexualidade. Assim, este ensaio objetiva problematizar as relações entre corpo, gênero e sexualidade no campo da educação. Indaga-se: o que pode um corpo? O que pode um corpo nos territórios-escolas-cidades e currículos? O que pode um corpo quando o assunto é identidade e/ou relações de gênero e sexualidade tão invisibilizadas nas políticas curriculares nacionais atuais?

Como um desdobramento inquietante da pesquisa a ser realizada ao longo do Curso de Mestrado (2017-2018), pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), busca-se problematizar as relações de gênero em interface com as questões curriculares e as redes cotidianas escolares que, no cenário político atual, têm sido abarcadas por produções de invisibilidades. Bastos (2017, p. 1) infere:

¹ Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Grupo de Pesquisa “Currículos, cotidianos, culturas e redes de conhecimentos”, coordenado pelo professor Carlos Eduardo Ferraço. E-mail: marinaodelmondes@hotmail.com.

² A prática de juntar palavras é uma aposta política da pesquisa *nosdoscom* os cotidianos, inspirada em Nilda Alves, na tentativa de criar e produzir sentidos diferentes, maiores e mais intensos do que ao se usar a conjunção “e”, superando a dicotomia “estabelecida” pela ciência moderna, na abertura de novos sentidos. Apostar na junção de solo e afetos na tessitura do termo *soloafetar*, *soloafetado* e/ou *soloafetações*, como se apresentarão ao longo do texto, é potencializar os afetos que emergem das relações do corpo com outros corpos e, principalmente, das relações do corpo com a terra, o solo, o mangue, a lama na produção de uma Nova Terra possível.

Imersa nas lógicas heteronormativas de nossa sociedade, a socialização no espaço escolar corrobora para formar sujeitos que pouco refletem sobre sua própria sexualidade e, quando o fazem, são instigados a mantê-la no patamar natural, óbvio e normal de apenas uma – a heterossexualidade – diante uma ampla possibilidade de experimentação dos prazeres sexuais. Mesmo fora da escola, a heterossexualidade é tratada como um grupo coeso e homogêneo e outras tantas possibilidades de experiência de vida são postas à margem.

A partir da problemática da ausência e/ou da pouca abordagem da temática no cotidiano escolar, compete explanar o que se entende por gênero e sexualidade. Assume-se por gênero os conceitos a partir de estudos de Scott (1995, p. 86) que considera gênero como uma categoria importante de análise, visto que “[...] é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”. Quanto à sexualidade, é entendida como as relações, vivências, experiências e experimentações estabelecidas com o próprio corpo. Estudos de Foucault (2009) apontam que a sexualidade é um dispositivo histórico que se relaciona com normas, leis, saberes, instituições e outras formas de afetações que atuam com e sobre o corpo.

Nesse sentido, provocações aberrantes lameadas na composição de um manguezal no Lume Teatro/Campinas-SP, decorrentes do VII Seminário Conexões (2017), onde os cheiros, as cores, os sons, as poesias, os movimentos, as danças e os corpos *imediam* novos modos de existência em meio a um tempo de catástrofes ambientais e curriculares, propõe-se pensar a tessitura de uma Nova Terra possível por meio de encontros entre corpos e terras em composição de *soloafetar*. Concebe-se por encontro um devir, um roubo, uma captura, ou seja:

[...] um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem conhecer nem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades [...]. Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre ‘fora’ e ‘entre’ (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14-15).

Encontros onde “[...] o que importa não é a forma e a substância, o sujeito ou o objeto, mas o que se passa entre os diferentes corpos que habitam um currículo” (TADEU, 2002, p. 47), um território, uma escola, uma cidade em meio ao que tem sido produzido a partir dos documentos prescritivos.

Salienta-se que as reverberações da invisibilidade da temática gênero e sexualidade desencadeiam um silenciamento dos diferentes corpos que praticam e habitam as redes cotidianas escolares e, portanto, dos corpos que fazem parte do currículo em redes, vivido, praticado e tecido coletivamente. Nesse sentido, as provocações aberrantes *imediam* movimentos outros de territorializar, desterritorializar e reterritorializar. Faz-se necessário mencionar que

Os movimentos de desterritorialização não são separáveis dos territórios que se abrem sobre um alhures, e os processos de reterritorialização não são separáveis da terra que restitui territórios. São dois componentes, o território e a terra, com duas zonas de indiscernibilidade, a desterritorialização (do território à terra) e a reterritorialização (da terra ao território) (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 103).

Nesses movimentos de desterritorializar e reterritorializar, os fios conceituais são tecidos a cada batida sonora da experimentação esquizo do corpo no lamear do manguezal. Por experimentação esquizo entende-se

[...] um momento de livre experimentação, no qual criamos uma ambientação e utilizamos também elementos sensoriais que possam produzir encontros com corpos sonoros, semânticos, colorantes, os quais poderão entrar em conexões com as outras linhas de força presentes no espaço experimental (BOM-TEMPO; SILVA, 2016, p. 336).

As *imediacções* como experimentação esquizo dos corpos que habitaram o Lume-Teatro em Campinas/SP (des)colonizaram o pensamento no que se refere ao binarismo corpo-indivíduo, no que tange aos discursos sobre gênero e sexualidade na sociedade contemporânea. Relativo ao que concerne à invisibilidade do debate acerca de gênero e sexualidade nos territórios-escolas-cidades e currículo, Gomes (2016, p. 218-219) alerta que

[...] tais discursos têm sido atualizados e sustentados, especialmente, pela perspectiva religiosa fundamentalista, com desdobramentos e ações no próprio Congresso Nacional, onde tentam, a todo custo, dificultar os debates sobre gêneros e sexualidades nas escolas, em nome de uma ‘tradição’ idealizada e defendida pelos referidos grupos religiosos, mas não apenas por estes.

Silva (2017, p. 9), contrapondo-se à lógica da produção da invisibilidade da temática, contribui para refletir sobre a questão, ao apresentar em sua pesquisa relatos de professores que, diante da dificuldade de abordar a temática de gênero e sexualidade em sala de aula, se utilizam de táticas para colocar em voga o tema:

Para trabalhar a questão na escola, disse que passou a utilizar certas táticas, como por exemplo, de denominar as aulas sobre questões da sexualidade de ‘conhecimentos gerais’, como forma de trabalhar tais questões, sem interferir no que era exigido pela escola. Embora Fátima soubesse que sexualidade e conhecimentos gerais não são sinônimos, acreditava que dessa forma ‘[...] pelo menos podia se trabalhar de acordo com o currículo escolar’.

Nesse sentido, mediante as produções de invisibilidades acerca de corpo, de gênero e de sexualidade, chamar-se-ão de catástrofes documentais, neste ensaio, as reverberações dos documentos prescritivos e/ou projetos de leis, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular, do Projeto de Lei Escola sem Partido e dos Planos Nacional, Estadual e Municipal de Educação que afloram em todo o país e que legitimam a exclusão da temática exposta nas redes cotidianas escolares.

Sabe-se que os documentos prescritivos supracitados foram arregimentados em um espaço-clima-tempo de compressão política na produção da exclusão do tema gênero e sexualidade e, por conseguinte na produção de (in)visibilidades dos corpos que habitam os territórios-escolas-cidades e currículos.

Sabe-se, também, que há um corpo social fortemente marcado pela heteronormatividade, segundo a qual a sexualidade é concebida pelo fator biológico binário que tem acarretado inúmeras formas de apagamento do corpo e um controle exacerbado dos discursos a respeito de gênero e sexualidade e, consequentemente, tem invisibilizado toda e qualquer forma de afirmação das diferenças. Bom-Tempo e Silva (2013, p. 330) mencionam que

[...] as dimensões vividas no cotidiano se encontram segmentarizadas binariamente, como oposições entre classes sociais, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças; e também linearmente, como linhas progressivas de processos institucionais com os quais as pessoas se envolvem durante toda a vida, da família para a escola, depois para o exército, depois para a profissão. Diante desses planos de segmentariedade, os aparelhos de Estado criam segmentações endurecidas em palavras de ordem sobre o que é tido como bom, como saudável e adaptável a um modo de vida social. Nesse sentido, as segmentariedades das sociedades contemporâneas atuam como aparelhos de ressonância que se definem por poderes controlados tanto pública quanto intimamente.

Reiterando essa perspectiva, Silva (2017, p. 13) afirma: “[...] a sociedade ainda insiste em separar as pessoas pela cor, etnia, sexo, religião e tudo mais que possa criar grupos e muitas vezes guetos”. Nessas separações e criações, o que tem prevalecido na sociedade são as marcas da heteronormatividade, de conceber o humano de forma binária e biológica e, muitas vezes, determinado pelo posicionamento religioso.

Silva (2017, p. 14) também aponta que “[...] vivemos uma transição no mundo, no que diz respeito às relações sociais de gênero e sobre as questões da sexualidade. Entrecruzam-se permanências com rupturas, por vezes singelas, veladas ou mesmo anunciadas”. Dentre as permanências a apontar, destaca-se que ainda soam forte as marcas do binarismo biológico na concepção do humano, concebendo apenas as configurações de homem e mulher que, reguladas e controladas, silenciam e controlam o debate sobre gênero, sexualidade e corpo, principalmente quando as marcas da religiosidade influenciam as discussões sobre a temática.

Portanto, essas tentativas de controle e regulação do corpo reverberadas dos documentos curriculares prescritivos imobilizam e aprisionam outras formas de vida. Arregimentam-se raízes duras em um solo fértil sufocando a passagem do respiro humano e não oxigenando outras possibilidades de existir e de encontros dos corpos com a terra, a lama, o solo na tessitura de uma Nova Terra possível.

Contudo, deu-se a proposta ousada de colocar os corpos em movimentos numa experimentação esquizo por entre as linhas minoritárias da vida, abrindo-se as invenções de um outro modo de estar junto no campo da experimentação-manguezal. Para que brotassem do mangue outras formas de *soloafetar* os corpos e as vidas na tessitura da Nova Terra, os corpos escaparam e foram chamados a encontrar a terra, o chão, o solo, a lama e a estabelecer conexões na abertura violenta de um devir-corpo ou de um devir- *corpomangue*.

Devir. Devir-corpo. Ou devir-*corpomangue*.

“[...] sabemos que entre um homem e uma mulher passam muitos seres, que vêm de outros mundos, trazidos pelo vento, que fazem rizoma em torno das raízes, e não se deixam compreender em termos de produção, mas apenas de devir” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 19). Devir. Um solo à disposição dos corpos. Lume Teatro aberto para lamear. Um lugarzinho entre a cidade-mata campinense/SP se encontra com a cidade-mata de Vitória/ES. Entrelaçar de territórios, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade Federal do Espírito santo (Ufes). Eis que um teatro é aberto para *manguezar!* Corpos desejantes são convidados a povoar e ali pulsam vidas, umas mais tímidas, outras mais despojadas, mas todas se jogam a bailar. Passarinhando, os corpos são sorrateiramente *soloafetados*.

Os corpos convidados a (re)existir a tantas formas de aprisionamento, principalmente aqueles que lhe impõem modos de ser e estar no mundo, aos poucos vão se permitindo. O caranguejo dá vida ao homem, o homem dá vida ao galho, o galho se emaranha nos fios e os

fios se deslocam em voos, os voos movem os passarinhos e os pios formam poesias que se derretem em lama. Os corpos pulsam à luz de velas, movem, silenciam, dançam, ecoam sonoridades e repousam. Os corpos no plano de composição, nesse lugar caótico,

[...] lugar de velocidades e lentidões entre elementos não formados, relações de movimento e repouso; um plano caótico, o qual desgasta o tempo todo as matérias subjetivadas e orgânicas, tornando-as abertas às outras composições extraordinárias. Esse caos constituinte do plano de composição impõe uma dinamicidade ao plano de organização, o qual está sempre se refazendo, ora com formações mais duras, ora mais maleáveis, conforme a qualidade do embate de forças entre os planos. Esses planos de natureza diferente vivem em processos de captura mútua, mistura e afetação (BOM-TEMPO; SILVA, 2013, p. 331).

Afetações. Corpos afetados. Corpos afetantes. Na lama, *soloafetados*. Corpos em (de)composição de mangue vão permitindo a tessitura de relações outras de afetos. Quanto aos afetos e/ou afecções, cumpre dizer que

As afecções que atravessam a vida do humano, em extensão e pensamento, são múltiplas, e o que vai determinar se são boas, ruins ou insignificantes são a composição ou a decomposição das relações dos corpos afetados. A composição das relações eleva o grau de potência desses corpos, o que produz alegria. A decomposição, ao contrário, diminui a potência dos corpos, produzindo tristeza. Assim, alegria e tristeza não são apenas estados, mas uma passagem de um menor ou maior grau de potência para outro. Não ficamos alegres o tempo inteiro, pois estabelecemos múltiplas relações com o mundo, o que se desdobra em uma sequência de transformações que ocorrem permanentemente. Se a causa do afeto é adequada, temos a alegria, se inadequada, temos a tristeza (TIMM; PEREIRA, 2016, p. 44).

O emaranhado de corpos afetados pulsou uma resistência de vidas outras que proporcionou um encontro com Espinosa e Deleuze para tecer fios conceituais de um corpo potência-afetiva. Um corpo oxigenado pelas vidas que lhes afetaram e, portanto, não carecidas de determinações ou representações, apenas de inventar outras possibilidades de vida. Bom-Tempo e Silva (2013, p. 332) contribuem para as problematizações relativas aos corpos afetantes e afetados por meio dos encontros ao mencionar que:

O corpo é considerado sempre enquanto relacional e munido de uma capacidade de afetar e ser afetado. Posto isso, são nos encontros que os corpos experimentam afectos e também os efetuam, pois tais afecções acontecem nestes encontros, nas articulações e desarticulações de corpos que funcionam em relações de composição e decomposição. Os afectos, relativos a esta capacidade de afetar e ser afetado, não são sentimentos, mas as forças de que justamente são feitos os corpos (DELEUZE, 2002). Isso significa que se deve sempre considerar os encontros do ponto de vista da multiplicidade de elementos-afectos que os compõem, tomando-os como encontros entre partículas dos corpos e não entre bloco individualizados ou totalizados. Esse conceito é aqui pensado como proposto por Espinosa e destacado por Deleuze (2002, p. 56) para quem *affectio* se refere ao corpo afetado, sendo necessário, portanto, a presença de corpos afetantes.

Inventar possibilidades outras de vida nos territórios-escolas-cidades e currículos, no que tange à temática de gênero e sexualidade, pressupõe que se façam eclodir movimentos afetantes de saída, desterritorialização e de retomadas, reterritorialização, que afirmem a vida numa “[...] criação de uma nova terra por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 107) em meio às catástrofes curriculares e ambientais que diminuem a potência-afetiva da vida humana. Os movimentos de desterritorializar e reterritorializar movem-se a um devir que “[...] é sempre duplo, e é este duplo devir que constitui o povo por vir e a nova terra” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 132).

Imersos nas catástrofes documentais que têm aflorado país afora advindas das políticas neoliberais e intensificadas numa concepção conservadora, reacionária, fascista da vida humana que tende a despontencializar a vida de tantos *praticantes* (CERTEAU, 2011) das escolas, cidades e currículos, em um movimento de eclodir a decomposição dos corpos afetados, faz-se necessário afirmar a vida, por meio da negação da própria vida rostificada, normatizada, padronizada, controlada e regulada.

Assim, “[...] reinventar novos modos de vida dentro da dobra” (AMORIM, 2013, p. 221) ou na “[...] multiplicidade de dobras” (AMORIM, 2013, p. 222), na perspectiva deleuziana, em que não há como separar o dentro e o fora nos territórios-escolas-cidades e currículos e em meio às catástrofes documentais é, mergulhar nesses cotidianos como lugares de encontros, descobertas e experimentações. Lugares formados “[...] não apenas por um plano de organização e desenvolvimento que visa à concretização e conservação da forma, entretanto também, por um plano de consistência que desencadeia devires” (OLIVEIRA; FONSECA, 2006, p. 151). Dessa forma, “[...] a escola se tornaria um gigantesco laboratório de novas possibilidades convivenciais” (NAJMANOVICH, 2001, p. 130), não só as escolas, bem como as cidades e os currículos, territórios onde os corpos habitam e pedem passagem a outras formas de existir.

Nesse sentido, busca-se uma experimentação radical, “[...] fazer de sua vida a afirmação de uma vida que não seja de si” (SANTOS, 2013, p. 39), que seja uma busca por uma vida imanente, que se dê por meio dos encontros. Encontros como arte, marcados pela diferença, pela multiplicidade, pelo povoamento, pelas tessituras em redes de afecções onde um outro mundo é possível e possam florescer “[...] posicionamentos políticos calcados em experiências que desacomodam e abrem os devires da Educação” (OLIVEIRA; FONSECA, 2006, p. 135).

Portanto, tecer devires territórios-escolas-cidades e currículos em sua condição movediça, em meio às catástrofes curriculares e ambientais, fazendo o exercício de desterritorializar conceitos na abertura de um novo porvir na educação, envolvendo os sujeitos outros da relação de gênero em um espaço-clima-tempo de produções de invisibilidades na política educacional se torna relevante, quando é urgente a tessitura de uma Nova Terra possível ou, como se prefere chamar, de um manguezal possível.

Urge a necessidade de conceber as redes cotidianas escolares como “[...] um lugar não apenas para conviver com a diversidade de (sujeitos, classes, orientação sexual, etnia, conceitos), mas para construir consciência acerca da(s) cultura(s), de respeito à diferença” (GOETTEMS; SCHWENGBER; WISNIEWSKI, 2017, p. 12) e de pensar em possibilidades outras de práticas educativas que potencializem as vidas invisibilizadas no cenário político curricular atual.

Assim, os corpos são colocados em movimentos na tessitura das diferenças nos territórios-escolas-cidades e currículos em que eles venham habitar, ocupar, resistir, burlar, transgredir, *artistar* e compor esses manguezais como lugares de afetos. Lugares de afetos como o vivido-praticado-experienciado na composição do mangue, onde os corpos *soloafetados* pulsavam outras formas de existência e (re)existência.

Nos *lameares* de outros possíveis, os corpos foram oferendados a outras formas (des)colonizadas de conceber as relações entre os corpos-gêneros-sexualidades para além do que tem sido arregimentado nos documentos prescritivos e/ou nas catástrofes documentais e

curriculares, abrindo-se a uma afirmação das diferenças. Os corpos afetantes e afetados em devir, roubados e experienciados, possibilitam uma existência outra da diferença.

A vida aberta ao mangue na tessitura de uma Nova Terra possível possibilitou a percepção de um outro corpo, um devir-corpo, intensificado em um devir-*corpomangue* que já não se compunha apenas de um corpo, mas das afetações aberrantes experimentadas na invenção do manguezal por meio do entrelaçamento múltiplo de corpos que, agora, no seu outro lugar, no seu outro manguezal, afetarão novas possibilidades de pensar as relações entre educação, corpo, currículo, gênero, sexualidade e vida.

Por fim, um voo pairado sobre o manguezal campinense e *soloafetado* sobre o solo capixaba delineiam outras formas possíveis de existir entre Campinas e o Espírito Santo. Vão rizomatizando caranguejos movediços nos territórios-escolas-cidades e currículos em danças, movimentos e corpos ao som dos passarinhos que poetizam os encontros. Os cheiros dos mangues vão compondo sabores que potencializam as vidas dos que, em seus mangues, tecem Nova Terra. Um corpo afetado pelo mangue é um corpo aberto às *imediações* aberrantes, portanto, aos corpos, tempo de *manguezar!* *Manguezar.* Experimentar. Viver. Pulsar. *Rizomatizar.* Poetizar. Dançar. Movimentar. *Curricular. Imediar.*

Referências

AMORIM, A. C. R. Abandonar. In: FERRAÇO, C. E.; CARVALHO, J. M. (Org.). *Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades*. Petrópolis, RJ: DP ET Alii; Vitória ES: Nupec/Ufes, 2013.

BASTOS, F. As distâncias sociais entre escola e sujeitos homossexuais e sua interferência na percepção de homofobia. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2017, São Luís. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT23_1171.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

BOM-TEMPO, J. S.; SILVA, Â. V. da. O corpo e a micropolítica dos afectos: uma experimentação esquizo. In: GALLO, S.; NOVAES, M.; GUARENTI, L. B. de O. *Conexões: Deleuze e política e resistência e...* Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF: Capes, 2013.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Petrópolis, RJ; Vozes, 2011.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997. v. 4, 176 p.

DELEUZE, G; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2009.

GOETTEMS, L.; SCHWENGBER, M. S. V.; WISNIEWSKI, R. R. As diversidades sexuais na escola: (in)junções discursivas entre a religião e o Estado laico. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2017, São Luís. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT23_656.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

GOMES, M. A. O. ...e sexualidades. In: FERRAÇO, C. E. (Org.). ...currículos em redes. Curitiba: CRV, 2016.

NAJMANOVICH. D. *O sujeito encarnado*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, A. M.; FONSECA, T. M. G. Os devires do território-escola: trajetos, agenciamentos e suas múltiplas paisagens. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, v. 31, n. 2, p. 135-154, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6849>>. Acesso em: 1 maio 2017.

SANTOS, L. G. Rumo a uma nova terra. *Revista Ecopolítica*, São Paulo, n. 5, p. 38-49, jan./abr. 2013.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade: Gênero e Educação*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

SILVA, S. P. da. Decifra-me! Não me devore! Gênero e sexualidade nas tramas das lembranças. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 2017, São Luís. *Anais eletrônicos*. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT23_361.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2017.

TADEU, T. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, UFRGS, v. 27, n. 2, p. 47-57, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25915/15184>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

TIMM, F. B.; PEREIRA, O. P. Teoria dos afetos de Espinosa: ruptura com as servidões em psicologia. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira et al. (Org.). *Criações transversais com Gilles Deleuze: artes, saberes e políticas*. Curitiba: CRV, 2016.